

RACIONALIDADE E ESPIRITUALIDADE: TENSÕES

SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para céticos**.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Anaxsuell Fernando da Silva¹

¹ É doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

“Nunca entendi a espiritualidade. Ou melhor, nunca lhe prestei muita atenção”. É com esta confissão que Robert C. Solomon inicia o livro *Espiritualidade para céticos*. O autor, lecionou durante 30 anos na Universidade do Texas, em Austin, graduado em Biologia molecular doutorou-se em Ciências Sociais. Escreveu ao longo da sua vida — ele faleceu em janeiro de 2007 — 45 livros. Vários deles estão disponíveis em português, merece destaque: *Paixão pelo saber* (civilização brasileira, 2001); *Ética e excelência* (Civilização Brasileira, 2006).

Fiel ao “para” do título, Solomon não rejeita, critica ou contesta nenhuma doutrina ou religião e sim sugere uma alternativa para aqueles que a sua semelhança declaram-se céticos. Ele próprio assinala o objetivo do livro em questão: “Minha busca neste livro, entretanto, é de um sentido não-religioso, não-institucional, não-teológico, não baseado em escrituras, não exclusivo da espiritualidade, um sentido que não seja farisaico, que não se baseie em crença, que não seja místico, que não seja acrítico, carola ou pervertido.” (p. 19). E vai, ao longo das 319 páginas, defender — na esteira de Hegel — o que chama de “espiritualidade naturalizada” e por meio dela reencantar a vida cotidiana.

Merece destaque neste livro, publicado pela editora Civilização Brasileira em 2003, a leveza da linguagem e as constantes referências e problematizações da visão espiritual de Hegel e Nietzsche, além de belas e comoventes citações e/ou alusões a grandes nomes das letras e do pensamento Kierkegaard, Kafka, Sartre, Dostoiévsky, Camus, Sócrates, Descartes, Buda, Kurt Cobain, Heidegger e Cristo.

Espiritualidade para céticos: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI — livro que conta com a tradução de Maria Luiza X de A. Borges — possui oito capítulos. Ao longo deles Solomon tentará responder a pergunta posta nas primeiras linhas da aba do exemplar em português “É possível ser espiritualizado sem acreditar no sobrenatural? Pode uma pessoa ser espiritualizada sem pertencer a um grupo ou corrente religiosa?”

Como bom existencialista, Solomon acredita que o ponto nodal da espiritualidade é insofismavelmente um “amor reflexivo à vida” (p. 33), isto é, um comprometimento de vivê-la intensa e proveitosamente sem objetivar uma vida eterna paradisíaca ou de uma próxima encarnação. Nesse sentido, mesmo que alguma religião esteja inteiramente correta o cétrico que tenha vivido de forma íntegra e profícua terá feito a sua parte.

No primeiro capítulo, intitulado *Da filosofia ao espírito e à espiritualidade*, o autor trabalha a filosofia do espírito de Hegel (autor em que é especialista) e argumenta que este celebrou o “espírito popular” dos gregos antigos, em contraste com o que ele via como a preocupação alienante com o outro mundo e a positividade do protestantismo contemporâneo. Nesse sentido, tenta materializar o conceito de espírito “Seja como for, o espírito é social. Representa nossa sensação de participar e pertencer a uma humanidade” (p. 38). Robert Solomon, nos lembra que para Hegel, a pândega significava deixar os nossos pensamentos e sentimentos seguirem seu curso natural, e isto, possibilitaria o reconhecimento de nós mesmos com o mundo como Espírito. Assim, “Espírito” para o autor do livro é um estado de ânimo, um modo de ser. Dito isto, ainda neste capítulo é importante evidenciar a crítica feita por Solomon às tentativas ditas científicas do *Institute for Creation Research* que objetivavam provar a literalidade do livro de gênesis. Neste ponto, penso eu, está a mais lúcida ponderação de todo o livro “o erro do criacionismo, em contraposição, é que em vez de abraçar a espiritualidade, opte por uma mentalidade 'nós' versus 'eles', em que 'eles' representam praticamente todo mundo que tem uma visão pós-medieval do mundo. No final, o resultado só faz a religião parecer estúpida.”.

No capítulo que segue, *Espiritualidade como paixão*, o autor advoga que uma vida espiritual é uma vida apaixonada, e que nem espiritualidade nem paixão estão no âmbito da irracionalidade. Para sustentar essa sua hipótese ele parte de Sócrates e Platão, modelos de razão e racionalidade, eram apaixonados pela filosofia e eróticos com relação à Verdade. Assim, ele defende que algumas paixões são definidoras da racionalidade.

Em *Espiritualidade como confiança cósmica*, terceiro capítulo, inicia-se evocando a adorável personagem Sabina, do belíssimo livro de Milan Kundera *A insustentável leveza do ser*, e a partir disto discute a idéia de confiança e traição. Para Robert

Solomon confiança fornece sustentação tanto para o bem-estar emocional quanto para a espiritualidade. Ao argumentar sob esta perspectiva ele concebe confiança não somente àquilo que tange a nossa segurança física e à satisfação de nossas necessidades básicas, mas também a segurança na própria existência e confiança no lugar que se ocupa no mundo. Para cultivar esta confiança o autor defende a prática constante do perdão, seja nas ações ínfimas ou nas políticas governamentais.

No quarto capítulo, intitulado *Espiritualidade como racionalidade*, a partir da assertiva de Aristóteles de que “O homem é um animal racional” (p. 136), Solomon argumenta que a espiritualidade está relacionada a idéia de conhecimento, independente de sua distinção (comum ou científico). Para ele, razão e espiritualidade não se opõe, já que elas andaram ao longo da história de mãos dadas. E afirma: “Espiritualidade não é inocência ignorante”. Ao longo do capítulo defende o que chama de “racionalidade relativizadora” (p. 142) e conclui esta seção asseverando que assim como não podemos e nem devemos presumir que toda racionalidade é a mesma coisa, também deveríamos conceber que existem diferentes formas de espiritualidade que servem em propósitos distintos a diferentes formas de vida humana.

No capítulo que segue, *O enfrentamento da tragédia*, análise do autor passa para investigação daquilo que dá sentido ao sofrimento, pois em sua concepção essa é tarefa da filosofia. E, assim como na tragédia, existiria um sentido no sofrimento. Na medida em que se atribui sentido ao sofrimento, a espiritualidade consistiria em fornecer uma perspectiva inspiradora quando a vida não é satisfatória e, encontrar sentido na vida que desanda. Nesta parte, Solomon vale-se daquele que ele chama de “um dos primeiros existencialistas” (p. 168), o filósofo espanhol Miguel de Unamuno que consonante a Kierkegaard encoraja para um salto de fé, que seja além da razão. Para o espanhol, o enfrentamento dessa desesperança é em si mesmo o sentido da vida humana. Nesse sentido Robert Solomon propõe a responsabilidade pessoal e a importância do compromisso pessoal. “Que a vida tenha ou não um sentido — seja o que for que pensemos que ela significa —, nós fazemos sentido por intermédio de nossos compromissos.” (p. 169).

A seguir, em *Espiritualidade, fado e fatalismo* o autor mostra seu desconforto com a concepção gestada ao longo de milênios, em várias culturas, de que a espiritualidade esteve intimamente atrelada ao fatalismo, isto é, a noção de que nossas vidas não estão

sob nosso próprio controle e que tudo que aconteça, em certo sentido deveria acontecer. Assim, fatalismo se funde com fado. Para Solomon existe aí um confronto entre liberdade e responsabilidade e propõe que se dê sentido ao fatalismo, aquiescendo ao fato de que “Não somos nós os únicos autores de nossas vidas ou das circunstâncias da nossas vidas, e, sem negar o papel do acaso — e da pura sorte (boa ou má) —, nossos futuros são em sua maior parte estabelecidos antes de nós.” (p. 201)

No sétimo capítulo, *Ansiar pela morte*, Solomon aposta que a espiritualidade é aceitar a morte como continuidade da vida, como um fecho que dá a uma vida individual seu significado narrativo num todo maior, “nossa vida pode estar terminada, mas a vida prossegue” (p. 230). Relembrando a tese de Heidegger de que nossa própria existência é um Ser-para-a-morte, o autor argumenta que não se deve cair na tentação do “fetichismo da morte” - dar importância demais à morte e recusar-se a vê-la no contexto maior da vida. Assim, para o autor do livro em questão, a espiritualidade tem íntima relação com a dimensão social da morte, isto é, importar-se com as pessoas que nos rodeiam, já que nossa significação está inteiramente envolta em outras pessoas.

No último capítulo, *O self em transformação: self, alma e espírito*, Robert C. Solomon, sugere que a ampliação do *self* pode ser feita de forma naturalizada, por meio das várias experiências de amor e da nossa identificação com a natureza. Para o autor, o foco no *self* e na alma é central para a espiritualidade, isso porque a busca do *self* é uma expressão da nossa busca de sentido e da angústia existencial que caracteriza nossa necessidade de significado pessoal e de um papel definitivo no mundo. Neste capítulo ele discute ainda algumas perspectivas asiáticas da mente, do corpo e da alma.

Por fim, o livro *Espiritualidade para cétricos: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI* é uma leitura agradável. Exige do leitor um razoável conhecimento de filosofia e literatura, dada a erudição do autor. Erudição esta que não é em nenhum momento transformada numa linguagem inacessível, por isso cabe recomendar a leitura a todos que sintam-se atraídos pela temática. Ainda que me sinta incomodado por algumas de suas argumentações. No que tange à sua concepção de espiritualidade, penso que foi confundida com reverência, atitude de respeito diante da existência, que inegavelmente é uma manifestação da espiritualidade, mas não pode ser reduzida a tal. Além disto, preocupa-me seu excessivo interesse em racionalizar a espiritualidade, para assim atribuir-lhe um status superior. Na medida em que critica as

dicotomias existentes, cria outra, a espiritualidade racionalizada (ou naturalizada, como prefere chamar) e a espiritualidade ingênua (ou irracional, como sugere). Assinto com Kierkegaard, que insistiu que as crenças centrais do cristianismo (em sentido amplo, qualquer outra religião) seriam paradoxos e contra-senso literal, mas isso não seria obstáculo. O que fazia para Kierkegaard uma pessoa espiritualizada era a subjetividade apaixonada. Seria preciso aderir apaixonadamente a um projeto maior que o indivíduo. Para outro filósofo, também usado por Solomon, Miguel de Unamuno a espiritualidade não estaria no âmbito da racionalidade. É importante que se diga, ao decidir pela manutenção dessa distinção não se deve depreciar uma em função da outra. Na medida que o faz, Solomon parece condicionar racionalidade ao ceticismo, como não se fosse possível exercer a razão fora dos ditames modernos. Espiritualidade e racionalidade são — ao meu ver — instâncias diferentes da condição humana.

